

Programa de Saúde 5/6/57

E COMO era segunda-feira e a noite estava fria e feia me deu um ataque de virtude e resolvi ficar em casa, tomar leite, ler os bons autores, «mens sana in corpore sano». Comecei ligando um programa só de música e lendo num «Time» da semana atrasada a biografia do senador John McClellan — e se o leitor nunca viu falar dele não fique humilhado, pois eu também não tinha o prazer de conhecê-lo, aliás o homem tem qualidades, mas é azarado de dar médo; quando ele enterrou um filho numa sexta-feira e outro na segunda eu o abandonei friamente e passei a ler uma seleção de cartas de D. H. Lawrence, mas exatamente a carta que comecei a ler contava que estava chovendo e ele, Lawrence, estava com tosse e sem dinheiro. Olhei a data, era coisa de um ano antes da morte do escritor por tuberculose, tossi um pouco e passei-me com armas e bagagens para uma tradução que Osório Borba fez das «Lettres de mon moulin» de Daudet; mas na diligência de Beaucaire havia um sujeito ameaçando assassinar a mulher. Bem, entre um livro e outro eu cochilava um pouco; de uma dessas vezes que cochilava o locutor do rádio se aproveitou para ler com a voz muito eloquente uma saudação que uma companhia de seguros dirige ao presidente Craveiro Lopes. Esforcei-me para estender o braço e desligar o rádio sem despertar, hesitei alguns minutos, lutando contra mim mesmo, afinal quando desliguei o rádio o homem já conseguira me impingir todo o texto e eu de raiva tinha perdido todo meu sono. O leite que tomara me pesava um pouco no estômago, mais habituado ao louro e leve uísque... não! — de maneira alguma tomaria uísque, resolvi, intrépido, em defesa de meu programa de saúde. Olhei com o mais soberano desprezo a garrafa de uísque em cima do bar e bebi um copo d'água, após o que ingeri um poema concreto de suplemento do «Jornal do Brasil» (coisa leve) e o capítulo sobre o fauvismo do dicionário da pintura moderna; requeitei um café, li alguma coisa em «O Globo» sobre o assassinio do contador e um telegrama de São Paulo sobre o assassinio da dentista feminista; estão a ver os senhores que no próximo cochilo se estabeleceu uma ligação entre os dois crimes e um terceiro que estava a ponto de ser praticado, e cuja vítima seria eu, pois alguém ou mais, provavelmente um bando de malfetores tentava arrombar minha porta. Ergui-me de um salto e não sei se devo ter vergonha de confessar que dei um grito. Não era ninguém, era um furioso vento sudoeste que fazia bater portas e zunia pelas frestas. Explicarei que a janela basculante do banheiro está enfiada e não se fecha bem, e a lingueta da fechadura da porta da cozinha está solta; se o leitor tivesse uma planta de meu apartamento com indicação dos pontos cardeais perceberia que nessas condições uma rajada de sudoeste produz várias vibrações em portas, panelas, janelas, com uivos, silvos, tinidos e pancadas surdas; meu apartamentinho parecia uma trineira daquelas que vejo passar fugando as ondas em demanda dos pesqueiros do Sul, e o mar estrondava tanto que eu tinha a impressão de que meu edifício jogava um pouco; a fragorosa queda de um vaso de planta na varanda me despertou de vez, e naturalmente o primeiro jornal que peguei para ler quando acendi a luz explicava as possibilidades de desabamento de um edifício em Copacabana. Só depois que voltei a me deitar percebi que deixara os cigarros na sala; ergui-me penosamente e fui apANHÁ-los, e quando me meti outra vez sob os cobertores e que refleti que a caixa de fósforos ficara na cozinha. Que noite! — murmurei, mas também deve estar chegando a aurora. Olhei o relógio: uma e dez! Meu primeiro impulso foi vestir-me e sair; precisei usar de toda a minha força de caráter para não fazer isso e comecei a ler um judicioso editorial sobre o apaziguamento da política nacional, dormi antes do fim, comecei a sonhar com uma certa mulher, acordei com o telefone batendo, e ainda meio tonto ergui-me no escuro para atender pensando absurda e alvoroçadamente que era ela, dei uma canelada numa cadeira, era enganado, e para encurtar conversa e não cansar mais o leitor que afinal não tem nenhuma culpa de eu fazer um programa de saúde confessarei que estou acabando de escrever isto às 5h45m da manhã depois de ler mil coisas, desde um trecho do diário de Stendhal (ao som de uma estação de rádio uruguaia: não combinam) até uma defesa da refinaria de Capuava; ah, devo estar estouvando de saúde! Adeus.

Braga